

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: TECENDO RELAÇÕES ENTRE TEMPOS/ESPAÇOS, CORPOREIDADE E FORMAÇÃO

Adonai Estrela Medrado*
Maria Olivia de Matos Oliveira**

Resumo

O objetivo do artigo é relatar duas experiências diferenciadas e vividas por um dos autores do texto, ambas em instituições particulares de renome. A primeira em um curso de letras e a segunda em um curso de ciências da computação. No referido artigo se discutem possibilidades diferentes de realizar a EAD e analisam-se as conseqüências dessas escolhas no processo de formação do sujeito aprendente. Utilizando os ambientes virtuais de aprendizagem, a EAD é uma educação que tem corpo, porém com outra fisicalidade, com espaços propícios ao diálogo que são também espaços de luta ideológica e uma outra dimensão de tempo, que favorece a construção da representação simbólica dos sujeitos. O texto destaca ainda a necessidade de contratar educadores com competência para essa modalidade, que conheçam as ferramentas e saibam lidar com a lógica dos ambientes *online*. Ao final, enfatiza-se que a questão central não é confrontar as duas formas de educação, mas a qualidade da educação que se desenvolve, seja ela presencial ou a distância.

Palavras-chaves: educação a distância - corpos carnis e alternativos - espaço real e virtual - relato de formação.

* Mestrando da linha 2 (Formação de Professores, Currículo e Tecnologias) do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade/ UNEB. E-mail: adonaimedrado@hotmail.com.

** Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, Brasil. Doutora em Educação pela UAB/ES. Pesquisadora da linha 2 (Formação de Professores, Currículo e Tecnologias) do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade/ UNEB. E-mail: oliviamattos@terra.com.br.

Introdução

Os estudos do primeiro autor sobre Educação a Distância (EAD) começaram mais ou menos na mesma época quando este se tornou aluno desta modalidade. No mestrado, desenvolvendo pesquisa nesta área, com a orientação da segunda autora, foi convidado para assistir a uma defesa de dissertação sobre a temática. Tratava-se de um curso de mestrado em administração, mas, apesar disto, muito foi falado sobre educação. Dentre os aprendizados desta experiência, o que mais marcou foi o comentário de um dos professores da banca. Ele destacou: a modalidade não determina a qualidade da educação.

Nesta perspectiva podemos olhar por outro ângulo as críticas que se fazem à EAD. Muitas delas carregam um preconceito de que por ser (supostamente) a distância, a EAD é incapaz de atender às necessidades sociais. Primeiro precisamos questionar que distância é esta que tanto se critica, e mais: há realmente distância na educação a distância? E a educação presencial, com toda sua suposta proximidade, atualmente atende às necessidades sociais?

Tanto a EAD quanto a educação presencial têm algo em comum: ambas são formas diferentes de fazer educação. Porém, também podem servir a outros fins, como, por exemplo, o fim comercial. Pode-se transformar a educação em um negócio bastante lucrativo. Mas, novamente, isto é verdade para as duas modalidades. Como lembrou o mesmo professor na banca, nada, do ponto de vista da gestão, da economia ou da contabilidade garante que a educação presencial custe menos ou mais do que a EAD.

O objetivo do presente texto é argumentar que a modalidade a distância, na sua concepção contemporânea, pode servir à sociedade tanto quanto a educação presencial. Não se pretende comparar, mas sim mostrar as possibilidades da EAD que às vezes passam despercebidas frente às críticas que esquecem todos os problemas que convivemos cotidianamente com a educação presencial.

Acredita-se que as duas modalidades precisam de respeito da sociedade. Um aluno proveniente da EAD não deve ser diminuído pela modalidade educacional que escolheu. Ele merece o mesmo respeito, tanto da sociedade quanto dos gestores institucionais. Nem ele nem o aluno presencial são apenas público consumidor. São sujeitos em busca de se constituírem melhores humanos. Ambos têm sonhos de futuro e uma das formas que buscam atingi-los é através da educação.

Independente do tipo de modalidade, cada instituição escolhe a sua forma de trabalho e a metodologia que acha conveniente. A diversidade é interessante, pois o aluno pode escolher de acordo com seus valores e com suas possibilidades. Porém é importante observarmos que cada opção implica em concepções pedagógicas e metodologias diferenciadas. Neste trabalho, após contextualizar a EAD na nossa sociedade, mostrando algumas de suas potencialidades, relatamos duas experiências diferentes vivenciadas. Pretende-se com isto exemplificar esta variedade pedagógica e analisar as conseqüências das escolhas realizadas.

1 EAD no contexto da vida entre janelas

Ao invés de fazer uma retrospectiva de todas as mídias que já foram utilizadas para possibilitar uma educação sem a presença como tradicionalmente a concebemos, gostaríamos de nos deter ao contexto majoritário da EAD na contemporaneidade. Como podemos ver nas propagandas institucionais, a proposta vigente é que a modalidade (supostamente) a distância faça uso dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Dito de outra forma: é sugerido que nossa educação se construa no contexto de uma janela na tela do nosso computador. Esta proposta não significa de forma alguma uma educação sem corpo, sem espaço e sem tempo.

Não desencarnamos quando entramos nos AVA, mas podemos falar de uma recalibração da fisicalidade do corpo e da matéria mental (SANTAELLA, 2009). Indo além de uma dualidade entre real e virtual, o nosso corpo se transforma conforme o contexto. Não há sentido em falar em corpos físicos e corpos não físicos, nem em opor real ao virtual. “A diferença não está em ser real ou não-real, mas nos tipos de realidade e de fisicalidade que são distintas nesses casos” (SANTAELLA, 2009, p. 126).

Entrar no AVA significa ingressar em uma jornada onde o que está em primeiro plano é um dos corpos alternativos que nos representa na vida entre janelas. Cada corpo alternativo em uma janela da tela do computador tem sua própria identidade e funciona com sua própria lógica. Isto não significa que nos desconectemos de parte de nós mesmos a depender do nosso contexto. Só alternamos entre aquilo que desejamos que permaneça como figura e aquilo que gostaríamos que fique no plano de fundo.

Mente e corpos estão presentes nos AVA.

Uma vez que a percepção se dá em um *continuum* sensório, não há por que postular uma separação drástica entre pretensos espaços físicos e pretensos espaços virtuais. No que diz respeito ao corpo, se esse *continuum* também abarca a propriocepção, não há como postular que o corpo fica inerte e esquecido enquanto a mente surfa pelo ciberespaço, pois percepção e propriocepção são dois polos inseparáveis de atenção. (SANTAELLA, 2009, p. 129).

Neste *continuum sensório*, cada um de nós escolhe as estratégias que vamos usar para mediar nosso relacionamento com o mundo. Estas escolhas criam nossa realidade, posicionando corpo e mente no ambiente de acordo com nossos objetivos, nossas histórias de vidas e nosso momento.

O AVA é uma realidade, pois pertence ao real que agrega valor a nossa vida e faz parte de nossas experiências. Ele integra-se ao ecossistema e é compreendido pelo nosso aparato perceptivo. Ao alterar para a janela do AVA percebemos que estamos em outro contexto e nos comportamos conforme aquilo que acreditamos ser conveniente para tal ambiente.

Navegar é sentir, é interagir perceptivamente e mentalmente com os estímulos que se apresentam (SANTAELLA, 2009, p. 129). No AVA, como em cada espaço que pertencemos,

construímos uma representação simbólica de nós mesmos. Enquanto nosso corpo carnal é de carne e osso, nosso corpo alternativo pode ser um texto descritivo, um simples *nickname* ou um avatar. Em qualquer caso nossa relação com o mundo não é desencarnada. A mediação entre o eu e o próximo é sempre realizada por alguma forma de corporeidade da qual não podemos nos desvencilhar.

Estes corpos alternativos que são tão reais quanto nós próprios, habitam um espaço igualmente real: o ciberespaço. Quando lemos um e-mail, verificamos nossa conta bancária no *ebanking*, checamos o site de notícias para verificar os últimos acontecimentos ou olharmos um endereço num site com as últimas imagens de satélite estamos imergindo no ciberespaço. Ele nos permite criar novos tipos de comunidade, conversar com pessoas dos mais diversos cantos do mundo e vivenciar novas realidades em novos contextos. (TURKLE, 1995)

Dentro destas possibilidades, encontra-se um ambiente especialmente projetado para fins de aprendizagem. Costuma-se chamar estes espaços de AVA, mas, da mesma forma como um corpo alternativo é real, o AVA também é. Na contemporaneidade, ele faz parte do dia a dia de vários dos profissionais e alunos envolvidos na EAD. É o espaço dedicado à educação no ciberespaço, ou seja, ele representa um contexto de interação social onde corpos alternativos se encontram com o objetivo comum da aprendizagem.

As interações no AVA geralmente utilizam a linguagem escrita, porém isto não deve ser entendido como uma desvantagem deste espaço e sim uma diferença. O texto é uma forma de ação assim como a linguagem falada. Ao utilizarmos a linguagem escrita também criamos, agimos e construímos a nós próprios e a nossa aprendizagem.

São sujeitos que utilizam, interagem e fazem o AVA. Nós, como sujeitos, usamos a linguagem para um fazer coletivo. Em outras palavras, a linguagem é uma forma de ação conjunta (CLARCK, 1996 apud MAMBRINI, 2010). A perspectiva da ação fica de lado quando tratamos da linguagem numa relação entre falantes e ouvintes ou entre emissor e receptor. Na EAD há ação, assim como em qualquer outra forma de relação entre sujeitos, pois agimos através da linguagem.

O que podemos notar é que os computadores estão estendendo a noção de presença física (TURKLE, 1995). Eu posso estar no AVA ao mesmo tempo em que estou na frente do computador e alterno entre várias janelas. Cada janela é um contexto, e eu posso estar em vários ao mesmo tempo, mesmo que em um dado momento eu só esteja atendo a um deles (TURKLE, 1995). Alternamos nossa atenção e de contexto à medida que alternamos de janela. Não há motivo para diferenciarmos o sujeito desta vida entre janelas para aquele de carne e osso, pois são a mesma pessoa, apenas em situações diferentes, adaptando-se a cada uma delas. Apesar da fragmentação do sujeito, nossas identidades mesmo contraditórias não podem ser completamente separadas, pois elas nos constituem, se deslocam e se relacionam de forma bastante complexa. O sujeito está ligado e determinado por suas identidades e também pelos espaços que ocupa.

Estas formas de existir e de pertencer fazem parte da cultura contemporânea. É estranho para um pensamento linear. Como estar em vários lugares ao mesmo tempo? Como

ser ao mesmo tempo vários, sem ser nenhum deles? Como pertencer e aprender em um AVA sem cadeiras de madeira, livros de papel e quadros?

Mas tudo isto se encaixa numa cultura fluida, não linear e descentralizada. Somos vários e estamos em vários espaços. Vivemos numa época que derruba o império da razão. A emoção é valorizada, assim como o incompleto, o que ainda não é e o que é apenas em potencial. A transformação é uma constante na sociedade

[...] não existem começos nem fins abruptos. Quando os diversos elementos que compõem uma determinada entidade já não podem, por desgaste incompatibilidade, fadiga, etc., permanecer juntos, eles entram de diversas maneiras numa outra composição e, desse modo, favorecem o nascimento de uma outra entidade (MAFFESOLI, 2004, p. 20)

Recompomos o mundo a cada passo. Construimos nossas vidas na medida em que vivemos. Coletivamente, fazemos tudo isto em um espaço, “[...] o lugar produz um vínculo” (MAFFESOLI, 2004, p. 22). Este vínculo não se constrói do nada, mas sim a partir de valores compartilhados. Como não há verdade absoluta, e sim uma verdade fragmentada, as configurações das relações se modificam continuamente. Somos vários, pertencemos a vários espaços e nos perdemos entre nós, pois “Cada um só existe no e pelo olhar do outro” (MAFFESOLI, 2004, p. 27). Quem sou eu, depende a quem eu pergunte e onde e quando eu pergunte.

Porém o tempo já não é tão preponderante, “[...] o que passa a predominar é realmente um presente que eu vivo com terceiros, num determinado lugar” (MAFFESOLI, 2004, p. 27). Na contemporaneidade, a vida pode ser vista como instantes eternos que devemos viver da melhor maneira possível.

Este é um dos fatores que exige que a educação seja cada vez mais próxima dos espaços, do aqui e do agora de cada sujeito. O futuro é cada vez mais incerto. O momento da aprendizagem é agora e o espaço é onde eu estou.

Este novo contexto não exclui o diálogo da educação nem impossibilita percebê-la como um espaço de luta ideológica. Precisamos adequar as propostas a essa nova configuração social. Os AVA emergiram neste meio de cultura e podem atender a diferentes propósitos a depender da vontade dos atores que os continuem.

1.1 A importância da competência técnica para a EAD

Da mesma forma como não se pode ensinar o que não se sabe, também não se pode ensinar sem o domínio das ferramentas para tanto. A educação é um trabalho não material onde o produto é inseparável do produtor. Por outro lado, ela também se apresenta como uma exigência do e para o processo de trabalho. É pela educação que o humano é produzido direta e intencionalmente. É deste trabalho empenhado pela coletividade que cada sujeito constrói-se com sua singularidade. (SAVIANI, 1997).

A educação pode transformar a sociedade ou manter sua estrutura. O educador pode trabalhar tanto para a primeira quanto para a segunda função. Após a tomada de consciência de qual papel deseja executar, as suas chances de sucesso aumentam em muito se ele tiver competência técnica para exercer a tarefa escolhida.

Como em qualquer atividade, querer fazer não é poder ou ter condições de fazer. Além do compromisso político, um professor precisa ter a competência técnica para por em prática sua ação (SAVIANI, 1997). O AVA não funciona ao modo de uma sala de aula tradicional nem vice-versa. Há outra lógica envolvida. É preciso primeiro aprender a lidar com a ferramenta e com a lógica do online, para depois pensar em assumir um papel de educador. Talvez este seja um dos grandes erros que tem se cometido na EAD: contratação de profissionais sem competência técnica para a modalidade.

As instituições responsáveis pelos cursos devem se preocupar com a capacitação de seus profissionais para a EAD. “[...] as iniciativas em favor da EAD são crescentes no país, todavia precisam vir acompanhadas de formação de professores para atuação na modalidade educacional [...]” (SILVA, 2010, p. 218). O investimento é necessário e muito pouco se conseguirá sem ele. O que deseja educar, precisa antes ter a humildade de aprender a utilizar os instrumentos, métodos e técnicas de sua profissão.

Além da aquisição da competência técnica, para educar na janela do AVA, talvez seja necessário um pouco mais. Talvez seja preciso viver entre janelas, ou seja, em outras palavras, compartilhar daquele mundo que potencialmente é vivido pelos seus alunos. Sem isto dificilmente conseguiremos um diálogo que construa uma ação para transformação social.

Na tese de doutoramento de Fujita (2010) orientada pela Dra. Vani Kenski, o autor propõe uma **convergência** de competências no processo de formação online, em vez da habitual divergência. Na concepção de Fujita (2010), a competência agrega, não só conhecimentos, mas incorpora também atitudes e habilidades, vistos como indissociáveis para navegar nos ambientes virtuais. Para o citado autor, o conhecimento se refere ao domínio das diversas linguagens; ideologia, conteúdos específicos na área de atuação etc. As habilidades dizem respeito à capacidade de trabalhar em equipe; liderança; flexibilidade; leitura crítica e expressão criativa, tão necessárias para quem trabalha nos AVA e as atitudes são relativas à iniciativa, comprometimento, profissionalismo, ética aliados a uma dose de racionalidade, que não deve excluir a emotividade e a expressão dos sentimentos. Nesta acepção, a competência se (des)veste do seu ranço neoliberal para significar a articulação desses três aspectos em situações reais de aprendizagem online.

1.2 A possibilidade do diálogo nos AVA

Se a interação online não permitisse alguma forma de diálogo não teríamos a popularização do e-mail, dos fóruns, das salas de bate-papo ou dos softwares de chat como o MSN, o Google Talk etc. A contar de relacionamentos amorosos até projetos profissionais,

muita coisa é construída com o uso destes instrumentos tecnológicos. Qual o problema então? Qual seria o impedimento para uma educação baseada no diálogo nos AVA?

O diálogo implica em no mínimo dois sujeitos que se comprometem com um processo. Ele faz parte de uma educação que busca a liberdade com o outro e ao lado do outro. A liberdade não é uma permissão, mas uma conquista que deve ser buscada permanentemente. Mas só pode lutar pela liberdade aquele que se apercebe sem ela. É daí que surge a necessidade de uma leitura de mundo, de uma tomada de consciência da posição de oprimido e de coisa. (FREIRE, 1987)

A realidade construída pelos opressores esforça-se para ocultar a situação de opressão. O caminho para transformação é uma práxis como reflexão e ação dos homens no mundo para transformá-lo, ou seja, precisa-se da inserção crítica e da atuação. Trata-se de uma ação na reflexão e uma reflexão na ação. É uma reflexão e ação coletiva onde todos aprendem e que leva todos à liberdade. Não se trata de transformar oprimidos em opressores e sim em reestabelecer a todos a condição de sujeitos livres. (FREIRE, 1987)

No mundo a ser transformado os opressores são os únicos livres, humanizados e que exercem a violência sobre as “coisas” oprimidas. Os sujeitos oprimidos desaparecem em meio ao desejo de ter dos opressores. O processo de descoisificação do oprimido passa pela luta organizada por sua liberdade, pela crença em si mesmo e pela desvinculação com o regime opressor. (FREIRE, 1987)

Querer transformar o mundo opressor é lutar com o oprimido, sem transformá-lo em massa de manobra. Mas, para isto, é exigência uma relação dialógica permanente, em que todos são sujeitos e em que todos criam, recriam e transformam o mundo, pois os homens devem lutar como homens e não como coisas. É necessário um engajamento. A solidariedade não é minimizar ou racionalizar a opressão, é lutar para transformação da realidade. (FREIRE, 1987)

Se as tecnologias, que são criação humana, disponibilizam os meios necessários para um diálogo, por que ele não pode acontecer também nos AVA? O computador há muito deixou de ser uma máquina de calcular. Na contemporaneidade ele se apresenta inserido na cultura da simulação (TURKLE, 1995). Uma simulação que não deixa de ser real e que pode ser aproveitada de acordo com nossas vontades e desejos. Se a limitação para o diálogo não está nas possibilidades tecnológicas elas necessariamente tem que estar ou no desenho que damos aos AVA ou na forma como nos relacionamos com eles.

O AVA é construído a partir de diretrizes de programação inseridas por sujeitos num sistema computacional. Cada equipe de desenvolvedores cria os softwares gerenciadores de cursos (*Course Management Systems – CMS* ou *Learning Management Systems – LMS*) com base em suas próprias concepções sobre educação. Assim, a escolha do software já fala muito sobre a proposta de educação de uma instituição.

Porém é importante lembrar que o AVA não é o software, pois

Uma sala de aula online não é apenas o conjunto de ferramentas infotécnicas mas também um ambiente que se auto-organiza nas relações estabelecidas

pelos sujeitos com os objetos técnicos que interagem e afetam-se mutuamente ao longo do processo de construção do conhecimento. (SILVA, 2010, p. 219)

A adoção de um AVA que disponibiliza interfaces que facilitam o diálogo, não implica necessariamente que a instituição está pronta ou deseja utilizar tais recursos. Diálogo não se constrói apenas com a disponibilização de espaços para escuta e fala. Há de se ter uma disposição implicada com a transformação com base naquilo escutado e falado. Do ponto de vista pedagógico, dialogar significa também construir coletivamente o desenho didático do curso. Este desenho didático se torna mais dialógico quando ele consegue exprimir o perfil da sala de aula e se constrói na coautoria da equipe de produção, do docente e dos cursistas que constroem seu próprio percurso. (SILVA, 2010).

1.3 A sala de aula virtual como espaço de luta ideológica

Nosso sistema educacional está repleto de contradições, mas gostaria de tratar nesta seção apenas de uma delas, aquela que diz respeito à condição do aluno que precisa trabalhar, mas que deseja estudar. A Lei de Diretrizes e Bases atualmente em vigor (Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996) afirma claramente no parágrafo quarto do seu artigo 47:

As instituições de educação superior oferecerão, no período noturno, cursos de graduação nos mesmos padrões de qualidade mantidos no período diurno, sendo obrigatória a oferta noturna nas instituições públicas, garantida a necessária previsão orçamentária.

Esta é mais uma lei que ficou apenas no papel pelo menos em algumas das universidades públicas do país. Em nossa vivência na Universidade Federal da Bahia (UFBA), esta era uma reclamação constante dos alunos do curso de Psicologia e de Ciência da Computação. Há já um dito popular: “quem trabalha não faz UFBA”.

Uma das soluções viáveis para atender a este aluno seria a EAD. O aluno que trabalha e não consegue estudar, numa sociedade que valoriza cada vez mais o conhecimento, perde a oportunidade de modificar sua posição social. Este é um dos motivos pelos quais a EAD é um importante espaço de luta.

Além de possibilitar o acesso à educação a um público que de outra forma não conseguiria estudar, os AVA disponibilizam a possibilidade de uma luta pela transformação social. A luta de classes se dá também no meio ideológico. É educando que se constroem intelectuais para modificar e agir conscientemente no mundo. A educação é um instrumento para elaboração intelectual que tanto pode servir ao grupo dominante quanto para o desenvolvimento de uma nova ideologia crítica e questionadora (GRAMSCI, 1978).

Aliar EAD à competência técnica e ao diálogo pode impulsionar uma luta no campo ideológico. Tal luta é agir contra a ideologia dominante, assumindo um papel questionador,

compreendendo o funcionamento da sociedade e dos mecanismos de dominação para um enfrentamento das classes na disputa pelo poder.

Uma educação que aconteça nos AVA não é necessariamente uma educação tecnicista, baseada apenas na difusão de um conhecimento prático imediato. Ela pode ir além da neutralidade científica, e possibilitar a percepção do mundo numa dimensão histórica e contextualizada.

2 Duas experiências e suas diferenças

Trataremos agora de duas experiências vivenciadas pelo primeiro autor. A primeira de um curso de graduação em Letras, a segunda de um curso de especialização em rede de computadores. Ambos os cursos são ministrados por instituições particulares com relativa notoriedade. Em cada relato, analisaremos as categorias de corpo, tempo, espaço e a dimensão dialógica.

2.1 A experiência na graduação: as limitações da sensação de controle e o carnal como impulsionador da relação virtual

O curso de licenciatura em Letras Português/Inglês tem duração de 3 anos. Já percorremos metade deste percurso. A maioria do material é disponibilizado online no AVA gerenciado pelo software Moodle. Além da presença no ambiente, temos encontros carnavais todas as semanas nas segundas-feiras no período noturno.

O AVA funciona como nossa universidade online. Aplica-se o mesmo esquema que se encontra em várias instituições: temos um conjunto de disciplinas e suas atividades desenrolam-se simultaneamente durante o semestre. Nosso corpo alternativo é constituído por uma foto e um cadastro descritivo chamado perfil, ambos opcionais.

Fazemos nosso tempo e imergimos no contexto virtual. O AVA é uma janela como outra qualquer, que convive com outras tantas que podemos abrir. Aprendemos com o material disponibilizado pelos professores, mas também construímos nosso próprio processo ao mudar de contexto para uma janela de uma ferramenta de busca e pesquisar determinada temática ou fazer algum comentário sobre um assunto para um colega que está na janela do programa de chat.

Diferente de uma universidade tradicional, no AVA entramos e saímos de acordo com nosso desejo. Tudo está lá, disponível no nosso próprio tempo e espaço. Temos a sensação de relativo controle. Decidimos onde a universidade ficará na medida em que posicionamos, abrimos e fechamos a janela que está no monitor. Escolhemos quando estudaremos, com relativa flexibilidade.

Porém a percepção de controle se encerra quando percebemos que todo o conteúdo das disciplinas já estava ali e foi definido sem nossa opinião. Não nos consideram coautores.

Aparentemente não somos importantes no processo de construção e seleção dos conteúdos. Apenas cumprimos o script previamente definido por alguém, que supostamente tem a experiência e o poder de decidir o que devemos ou não aprender. O controle que exercemos sobre o tempo também é relativo, pois temos que nos submeter ao cronograma de atividades construído pelo professor.

Podemos esboçar um diálogo nos fóruns e nas atividades avaliativas. Porém, às vezes temos a impressão que falamos no vazio, principalmente quando como resultado das nossas construções recebemos simplesmente uma nota, um simples valor que pouco significa.

Nos encontros carnavais semanais criamos outros tipos de laços. Estranhamente não conversamos muito no ambiente virtual, mas nestes encontros nos aproximamos mais, dialogamos sobre os mais diversos aspectos de nossas vidas. O carnaval impulsiona um estreitamento das relações virtuais.

2.2 A experiência na especialização: o isolamento em torno da técnica e da avaliação

A especialização em Redes de Computadores foi realizada em outra instituição que utilizava outra metodologia e outro software de gerenciamento de curso (Campus on-line). Neste ambiente nossos corpos alternativos também eram constituídos por uma foto e um perfil, porém a sensação de controle era muito menor, assim como as possibilidades de diálogo.

Era possível fazer o curso sem trocar uma palavra sequer com o colega. Era possível não saber o nome de absolutamente nenhum deles. Os fóruns funcionavam apenas para dúvidas e discussões que mais pareciam palavras soltas escritas sem intenção de interagir com ninguém. A individualização do sujeito era bastante forte.

Talvez isto seja resultado da forma como o curso é ofertado. O conceito de turma não existe. O aluno faz a sua inscrição e inicia seu processo. Em e-mail a instituição esclarece que sua metodologia “[...] compreende a Organização Modular, ou seja, o seu curso é composto por 1 (um) ou mais módulos” e faz a sugestão de que o aluno “[...] estude 1 módulo por mês visando seguir o planejamento do nosso Projeto Pedagógico”, mas lembra que “[...] o tempo máximo de cumprimento do módulo é de 45 (quarenta e cinco) dias”.

Hoje, neste curso o primeiro autor já concluiu todos os módulos e está finalizando o projeto monográfico. Ele teve poucas interações com os tutores. A janela do AVA continua sendo um contexto da tela do meu computador. Muitas vezes alternava entre os dois ambientes, saía de um para o outro e alternava entre seus corpos alternativos e seus espaços de construção.

As avaliações no curso de especialização eram diferentes daquelas propostas no curso de graduação. Eram sempre 10 questões de marcar e só passava-se para o módulo seguinte após se conseguir no mínimo 70% de aproveitamento. Nunca foi preciso escrever uma linha em qualquer destas avaliações. Clicava-se e marcava-se.

Não havia encontro presencial, mas era preciso fazer uma prova presencial. Lá mesmo esquema, só mudava o número de questões: agora 15 de múltipla escolha. Era interessante analisar o ambiente desta atividade. A instituição marca a prova de seus vários cursos em um local específico da cidade dos alunos (polo). Estes evidentemente não se conhecem, simplesmente vão à sala indicada e fazem a prova. É como no AVA: pouca ou nenhuma conversa. Mesmo assim, nossa observação indica que as poucas palavras trocadas eram de colegas que já se conheciam e que resolveram fazer o curso juntos.

Uma coisa está muito clara na metodologia deste curso de especialização: ela propõe que nosso objetivo seja marcar as respostas corretas nas provas para passar para o módulo seguinte e chegar à monografia. O diálogo construtivo praticamente inexistente. Os fóruns são tira-dúvidas sobre o conteúdo. O primeiro autor nunca obteve uma resposta sequer sobre o formulário de “opinião” que preencheu todo o final de módulo.

3 Considerações finais

Toda generalização é perigosa. Dizer que não há educação na EAD e sim comércio de diplomas e certificados é um preconceito e ofensa para aqueles alunos que confiam a sua formação nos cursos desta modalidade e para todos os profissionais envolvidos no processo. Além disso, este tipo de afirmação ignora o fato que a educação presencial também pode servir a estes mesmos fins.

Ao invés de condenar, seria mais produtivo uma fiscalização social, pois “[...] os serviços educacionais se caracterizam pelo interesse geral de toda sociedade, assim, demandam o acompanhamento direto e constante da sociedade e da comunidade local” (NOVAES, 2005). Atualmente delegamos parte da responsabilidade da educação a instituições públicas e privadas, mas não podemos deixar de fazer o papel de fiscal atento.

A EAD tem o potencial de atender a um público que de outra forma estaria excluído do sistema de educação formal. Construir sua formação em EAD não é fácil, é um desafio que é auxiliado pelas possibilidades tecnológicas criadas pelo homem. Não há vantagens ou desvantagens absolutas entre a modalidade presencial e a distância. O que temos são diferenças que podem atender melhor a um público ou a outro.

A EAD é uma educação que pode fazer parte e contribuir para nossas vidas assim como a educação presencial. Precisamos lutar para construir e manter sua qualidade, assim como necessitamos exigir qualidade de qualquer modalidade educativa.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUJITA, O. M. **Educação a Distância, currículo e competências**: uma proposta de formação online para a gestão empresarial. 2010. 284 f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), SP, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**. O lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MAMBRINI, Ester. EAD, Dialogismo e os cenários secundários do uso da linguagem. In: **Anais do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. 2010. ISSN 1982-3657.

NOVAES, Ivan Luiz. Aspectos conjunturais que repercutiram no processo de descentralização da gestão educacional no Brasil: 1980-2000. **Formadores**: educação em valores para a cidadania, Vol. 1, No 2, 2005.

SANTAELLA, Lucia. Revisitando o corpo na era da mobilidade. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fábio (orgs). **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

SAVIANI, Demeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SILVA, Marco. Desenho didático: contribuições para a pesquisa sobre formação de professores para docência *online*. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (orgs). **Educação online**: cenários, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen**: identity in the age of the Internet. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1995.